

Aproximações sobre a estratoanálise de Gilles Deleuze e Félix Guattari

Approaches to the stratoanalysis of Gilles Deleuze and Félix Guattari

Rodrigo Carqueja de Menezes ¹

Resumo

Este artigo analisa alguns dos aspectos centrais da dinâmica do conceito de estrato em Gilles Deleuze e Félix Guattari para evidenciar a proposta de uma estratoanálise. Em *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, os autores apresentam o funcionamento de uma "estratificação geral", que permite entender, não somente a dinâmica dos estratos em um mesmo campo, mas o modo complexo e múltiplo das suas interações em diferentes domínios, como: o físico-químico, o biológico e o técnico/linguístico. Deste modo, a compreensão da estratoanálise pode trazer mais clareza no estudo de processos que envolvem acontecimentos de uma dinamicidade radical e de imprevisíveis configurações, e que estão fora do quadro de uma ordem fixa ou de um desenvolvimento linear.

Palavras-chave: Deleuze; Guattari; estratificação; plano de consistência.

Abstract

This article analyzes some of the central aspects of the dynamics of the stratum concept in Gilles Deleuze and Félix Guattari in order to highlight the proposal of a stratum analysis. In *A Thousand Plateaus: Capitalism and Schizophrenia*, the authors present the functioning of a "general stratification", which makes it possible to understand not only the dynamics of the strata in the same field, but the complex and multiple way of their interactions in different domains, such as : the physical-chemical, the biological and the technical/linguistic. In this way, the understanding of stratoanalysis can bring more clarity to the study of processes that involve events of radical dynamics and unpredictable configurations, and which are outside the framework of an order fixed or linear development.

Keywords: Deleuze; Guattari; stratification; plane of consistency.

¹ Doutor em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); professor da Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro (SEDUC) e professor substituto na UERJ. Contato: rodrigocarqueja@gmail.com

*O fim do mundo talvez seja uma breve interrupção de um estado de prazer extasiante
que a gente não quer perder.*
Ailton Krenak

Introdução: rumo a uma mecanosfera

A utilização de termos da geologia nas ciências humanas já é bastante conhecida. A partir do século XIX, a linguística, a psicanálise e a sociologia, apresentam a ideia de que há na linguagem, no inconsciente ou na sociedade um processo de estratificação, ou seja, camadas ou estratos que foram sendo sedimentados com o passar do tempo e que, em certa medida, podem ser desenterrados e estudados pelo pesquisador. Tal empréstimo indica nessas ciências a necessidade de se trabalhar com processos que não são homogêneos entre si e que apresentam uma certa complexidade², mas que de algum modo apresentam um determinado ordenamento e desenvolvimento. Assim, a partir desta ordem e desenvolvimento podemos pensar em uma sistemática ou uma estruturação fixa que irá determinar a unidade e inteligibilidade dos processos de sedimentação dos estratos, sejam estes linguísticos, psicológicos ou sociais. Portanto, encontrar esta sistemática e estrutura acaba sendo o objetivo do pesquisador que se propõe a estudar os processos de estratificação sedimentados em seu respectivo campo ou domínio específico. Porém, Gilles Deleuze e Félix Guattari, ao apresentarem a sua "estratificação geral", permitem entender, não somente a dinâmica dos estratos em um mesmo domínio, mas o modo complexo e múltiplo das interações entre diferentes domínios.

O que deve ficar claro de início é que esta estratificação não se contenta apenas com processos que estão inseridos em uma ordem fixa ou em um desenvolvimento linear, mas trabalha com processos de uma dinamicidade radical e que podem atravessar campos bastante

2 Segundo Pierre Kaufmann, essas trocas entre as disciplinas em função do conceito de camada, com acepções cosmológicas, geológicas, arqueológicas e linguísticas, remontam ao século XIX. Na linguística, temos nomes como: Max Müller, Georg Curtius e Franz Bopp; Kaufmann cita Franz Bopp (?) "De modo geral a linguagem apresenta, num momento dado de sua duração, um aspecto semelhante ao das jazidas de pedras mais ou menos antigas, situadas acima ou ao lado das outras, na superfície terrestre. Portanto, deve ser rejeitado o método que pretenderia explicar a priori as formas substituindo umas ao lado das outras por uma única ideia tomada como base. Devemos começar distinguindo as diferentes camadas de formas situadas acima ou ao lado umas das outras. É o único meio de remontarmos ao estado primitivo e, partindo dele, conhecermos e compreendermos, como algo inteligente e racional, as primeiras tentativas para criar as formas da linguagem, em seguida, o crescimento ulterior de formações novas e, enfim, a reunião de todas as formações surgidas, assim, uma depois da outra, num sistema completo. Na verdade, a observação desta estratificação das formas leva-nos agora muito mais longe do que poderíamos prever à primeira vista". Pierre Kaufmann. *Freud: A teoria freudiana da cultura*. In: François Châtelet. *História da Filosofia - Ideias, Doutrinas*. O século XX (Volume 8). Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982, p. 29.

heterogêneos. Pois, tal contentamento redutor implicaria em tornar invisível determinados fenômenos importantes que atravessam e percutem estratos bastantes distintos, tais como: "(...) um fragmento semiótico avizinha-se de uma interação química, um elétron percuta uma linguagem, um buraco negro capta uma mensagem genética, uma cristalização tem uma paixão, a vespa e a orquídea atravessam uma letra..." (DELEUZE; GUATTARI, 1980, p.89). Ou então, o que seria pior, acabaríamos tomando essas conexões heterogêneas como meras metáforas, uma espécie de tropo ou figura de linguagem. Assim, somente compreendendo a dinâmica dessa "estratificação geral" em sua complexidade é que estas conexões se tornam perceptíveis e reais para uma análise, impedindo, ao mesmo tempo, que passem despercebidas ou que sejam tomadas como imaginárias. Claro que estas conexões, em certa medida, já dizem respeito a uma dinâmica de desestratificação, aspecto este de que não trataremos neste artigo. Porém, sem um tratamento adequado da estratificação tudo que é da ordem do desestratificado permaneceria como inexistente ou como metafórico. Assim, para esta linha de pensamento, não basta dizer que há uma "estratificação geral" que atravessa diferentes esferas que compõem o corpo da Terra, tais como as esferas: físico-química (inorgânica), biológica (orgânica) e humana (antropomórfica - a técnica e a linguagem); faz-se necessário também eliminar toda interpretação que insiste em considerá-la como uma metáfora. Deleuze e Guattari não cansam de nos corrigir: Não é 'como', não é 'como um elétron', 'como uma interação' etc. (...). São elétrons em pessoa, buracos negros verdadeiros, organitos em realidade, sequências de signos autênticas." (DELEUZE; GUATTARI, 1980, p.89). Portanto, é preciso ficar claro a dinâmica desta estratificação real e todos os processos ligados a ela, para que os movimentos de desestratificação possam ser compreendidos em toda sua realidade.

Outro aspecto importante é o fato de que a estratoanálise não pode em nome de um princípio de unidade geral ignorar as múltiplas diferenças reais entre os distintos estratos. Assim, apesar dos autores utilizarem o termo "estratificação geral" para expressar a dinâmica dos estratos que perpassam diferentes domínios, faz-se necessário compreender como uma "unidade de Composição" não exclui de modo algum as diferenças e a heterogeneidade; e, ao mesmo tempo, não permite qualquer possibilidade de se estabelecer uma linha evolutiva ou graus de perfeição cósmica ou espiritual entre domínios, pois, na radicalidade, atmo/lito/hidrosfera, biosfera e noosfera compõem uma única e mesma "Mecanosfera". Neste sentido, os estratos, as camadas, não podem ser estágios de uma evolução ou degradação, mas complexas e simultâneas articulações de signos e partículas de uma mesma máquina.

Na obra *Mil Platôs-capitalismo e esquizofrenia 2* encontramos uma análise renovada e original de estrato ou camadas em uma "estratificação geral". Aqui, Gilles Deleuze e Félix Guattari apresentam com originalidade um procedimento de investigação destas camadas nomeado de estratoanálise. Quem nos apresenta essa nova prática analítica é o professor Challenge, "aquele que fez a terra gritar com uma máquina dolorífera"³ personagem tirado da obra de Conan Doyle e que no terceiro platô⁴ intitulado *10.000 a.C. - A Geologia da Moral (Quem a Terra pensa que é?)* vai empreender um bizarro diálogo com cientistas importantes. (DELEUZE; GUATTARI, 1980, p.53). Na obra de Doyle, o personagem-cientista George Edward Challenger passa tanto por acontecimentos fantásticos e perigosos que colocam em risco sua própria vida e toda a vida no planeta Terra, quanto por controvérsias ligadas à ciência, entrando em confronto com o espiritismo do século XIX.⁵ Em Deleuze e Guattari, ele faz uma conferência em que apresenta um tipo bizarro de diálogo⁶ com "amigos" e "inimigos" como ele mesmo os apresenta, como por exemplo Hjelmslev o "geólogo dinamarquês spinozista (...), o príncipe sombrio descendente de Hamlet"; e Alasca, seu aluno preferido, que parte em defesa do professor de modo hipócrita, deixando Challenger ofendido. (DELEUZE; GUATTARI, 1980, p. 57 e 58). É notável que a escolha desses personagens, incluindo o próprio Challenger, não configura um procedimento arbitrário na narrativa, pois a dinâmica entre eles, na medida em que são "simpáticos" ou "antipáticos" à determinadas teses, instaura uma prodigiosa criação conceitual. Esta dinâmica conduzida pelo professor Challenger de *Mil Platôs*, não implica somente que o enredo é outro, mas o personagem também será transformado em função da dinâmica conceitual. Neste sentido, este diálogo não se configura como uma simples fanfic em relação à obra literária de Conan

3 Aqui, uma referência direta à obra *Quando o mundo gritou* de Conan Doyle. A. Conan Doyle. *A terra da bruma*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

4 Mil Platôs, como o nome sugere, é uma obra composta não em capítulos, mas em platôs. Segundos os autores: "Por exemplo, uma vez que um livro é feito de capítulos, ele possui seus pontos culminantes, seus pontos de conclusão. Contrariamente, o que acontece a um livro feito de "platôs" que se comunicam uns com os outros através de microfendas, como num cérebro? Chamamos "platô" toda multiplicidade conectável com outras hastes subterrâneas superficiais de maneira a formar e estender um rizoma. Escrevemos este livro como um rizoma. Ele foi composto com platôs. Demos a ele uma forma circular, mas isto foi feito para rir." Gilles Deleuze e Félix Guattari. *Mille Plateaux - Capitalisme et schizophrénie 2*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1980, p. 32 e 33.

5 Sobre o professor Challenger comenta Conan Doyle: "George Edward Challenger. Nascido em Large, no ano de 1863. Estudos brilhantes. Nomeado adjunto no British Museum e depois professor de antropologia comparada (1893). Demitiu-se no mesmo ano, após desavenças com todos os seus colegas do Museum. Titular da medalha Crayston por seus trabalhos zoológicos e membro de várias academias nacionais e estrangeiras, entre elas..." E citou inúmeras entidades do mundo inteiro. Depois, continuou: "Publicou diversos trabalhos, como 'Algumas observações sobre os crânios Kalmuck', 'Esboços da evolução dos vertebrados', e um texto polêmico, 'O erro básico de Weissmann', que provocou discussões intensas no Congresso de Zoologia de Viena." A. Conan Doyle. *O mundo perdido*. São Paulo: Nova Alexandria, 1998, Capítulo 2.

6 Sobre a importância do diálogo como gênero filosófico, cf: Frédéric Cossutta (direção). *Le Dialogue: introduction à un genre philosophique*. Paris: Presses Universitaires du Septentrion, 2004.

Doyle. Assim, ao entrar em contato com conceitos e "intervir" na criação conceitual, Challenger deixa de ser um personagem literário e se torna uma outra coisa. Ele agora adquire o estatuto de um personagem conceitual⁷, um "intercessor" dos próprios autores, que operam "(...) sobre um plano de imanência que é uma imagem de pensamento-Ser (númeno), (...)." ⁸ Uma personagem conceitual dotada de uma estranha e bizarra atmosfera muito diferente do primeiro Challenger literário com suas experiências científicas e espíritas. Em *Mil Platôs*, ele ganha uma poderosa potência transdisciplinar, não possuindo uma especialidade no campo do saber. Aliás, ele mesmo cria uma disciplina que é ao mesmo tempo uma não disciplina, pois não se consegue determinar ao certo seus objetivos, seus métodos ou suas razões de existência. Essa monstruosa disciplina possuía vários nomes: "rizomática, estratoanálise, esquizoanálise, nomadologia, micropolítica, pragmática, ciência das multiplicidades". De um modo geral, o propósito dessa fantasmagórica conferência vai se revelando aos poucos e não tinha por objetivo comunicar algo à plateia: "Seu sonho não era tanto fazer uma conferência para humanos, mas sim propor um programa para puros computadores." (DELEUZE; GUATTARI, 1980, p. 74). Ou melhor, não era nem necessário que houvesse uma consciência que o escutasse, pois "não tinha ficado ninguém; entretanto, ele prosseguia." (DELEUZE; GUATTARI, 1980, p. 84). E, por fim, nem o próprio Challenge permaneceu, pois havia debandado junto com as coisas e os signos: "Desarticulado, desterritorializado, Challenger murmurava que levava a Terra consigo, que partia para o mundo misterioso, seu jardim venenoso." (DELEUZE; GUATTARI, 1980, p. 93).

Os estratos ou o Ecúmeno

Um estrato, é uma espécie de adensamento, espessamento e concentração que ocorre no corpo da Terra e apresenta o ecúmeno como sua "unidade de composição", dito de outro modo, a única unidade que podemos encontrar na composição de um estrato, é o fato de que

⁷ Todos os elementos utilizados neste parágrafo, personagens de diálogo antipáticos e simpáticos, personagens conceituais e sua relação com a criação conceitual e os personagens (figuras) estéticos, estão descritos por Deleuze e Guattari no capítulo *Os personagens conceituais* da obra *O que é a Filosofia?* Gilles Deleuze e Félix Guattari. *O que é a Filosofia?* Rio de Janeiro, Editora 34, 1992, p. 81.

⁸ E sobre este procedimento empreendido pelos autores em relação ao personagem de Conan Doyle: "A diferença entre os personagens conceituais e as figuras estéticas consistem no seguinte: uns são potências de conceitos, os outros, potências de afectos e de perceptos. (...). A arte não pensa menos que a filosofia, mas pensa por afectos e perceptos. Isto não impede que as duas entidades passem frequentemente uma pela outra, num devir que as leva a ambas, numa intensidade que as co-determina. A figura teatral e musical de Don Juan se torna personagem conceitual com Kierkegaard, e o personagem de Zarathustra em Nietzsche já é uma grande figura de música e de teatro. É como se de uns aos outros não somente alianças, mas bifurcações e substituições se produzissem." Gilles Deleuze e Félix Guattari. *O que é a Filosofia?* Rio de Janeiro, Ed. 34, 1992, p. 88.

ele é, em certa medida, a parte da Terra habitável⁹, a parte formada ou formalizada da Terra. Então, cabe a pergunta: haveria, então, na Terra uma parte não estratificada ou não estratificável? Haveria um metaestrato na Terra de modo que os estratos não fossem o limite? Que tipo de surpresas a Terra ainda tem para nós? "Quem a Terra pensa que ela é?"¹⁰ Todo desenvolvimento apresentado por Gilles Deleuze e Félix Guattari sobre a análise dos estratos só se torna claro se tivermos em mente distintas e múltiplas formas de sua complexa interação. Assim, há uma nítida preocupação, por parte dos autores, de que a análise não se perca em abstrações reduzindo o que é da ordem de uma multiplicidade a uma unidade qualquer. Quando se fala no ecúmeno como possuindo uma "unidade de composição" isso apenas deve indicar certos traços formais e substanciais que marcam a especificidade dos diferentes tipos de estratos. A estratoanálise, como ficará cada vez mais claro, é inseparável de uma rigorosa teoria das multiplicidades, ou seja, esta análise deve ser capaz de dar conta de fenômenos bastante complexos. Por isso, ela não pode ignorar uma variedade de processos inerentes à estratificação: infraestratos, epistratos, paraestratos e metaestratos. Teremos, ainda neste artigo, a oportunidade de desenvolver alguns destes processos.

Uma outra característica de um estrato é que ele captura e absorve elementos que estão ao seu alcance. E essa captura é em certa medida sempre dupla, ou seja, essa absorção estratificante apresenta sempre duas articulações¹¹. Esta dupla articulação não pode

⁹ Toynbee nos apresenta uma descrição interessante sobre o Oikoumene: "O Homem parece ser capaz de viver numa gama climática muito mais ampla que qualquer dos outros primatas. Se se atravessar um dos canyons profundos escavados no macio solo vulcânico da Etiópia, desce-se da superfície temperada do platô a um nível em que o canyon é habitável para macaco; mas, antes de se chegar ao fundo, o habitat do macaco é deixado para trás. Desce-se a uma profundidade em que o canyon é quente demais para os macacos; mas não há altitude alguma, desde o platô temperado ao leito tropical do rio, onde a Etiópia não seja habitável para o homem". Arnold Toynbee. *A humanidade e a mãe-terra - uma história narrativa do mundo*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979, p. 55. Claro que existe ainda lugares inabitados: "As calotas de gelo que cobrem o interior da Groenlândia e do continente antártico (...), ainda se encontram além dos limites do Oikoumenê, bem como algumas áreas encravadas na floresta equatorial, em regiões montanhosas cobertas de neve e no deserto absolutamente árido". Arnold Toynbee. *A humanidade e a mãe-terra - uma história narrativa do mundo*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979, p. 54.

¹⁰ "pour qui elle se prend, la terre?" Esta instigante pergunta que aparece no título do respectivo platô (*A geologia da moral*), mostra a possibilidade de uma espécie de pensamento da Terra. Mais do que nunca este tipo de pensamento vem sendo reivindicado pela ciência e pelo pensamento em geral. É o que atestam Déborah Danowski e Eduardo Viveiros de Castro: "A transformação dos humanos em força geológica, ou seja, em um fenômeno 'objetivo', em um objeto 'natural', em um 'contexto' ou 'ambiente condicionante, se paga assim com a intrusão de Gaia no mundo humano, dando aos Sistema Terra a forma ameaçadora de um sujeito histórico, um agente político, uma pessoa moral (...). Em uma inversão irônica e mortífera (porque recursivamente contraditória) da forma e do fundo, o ambientado se torna ambiente (o 'ambientante') e reciprocamente: crise, com efeito, de um cada vez mais ambíguo ambiente, que não mais sabemos onde está em relação a nós, nem nós em relação a ele. Déborah Danowski e Eduardo Viveiros de Castro. *Há mundo por vir? Ensaio sobre os menos e os fins*. Desterro (Florianópolis): Cultura e Barbárie: Instituto Socioambiental, 2017, p. 30.

¹¹ Segundo Deleuze e Guattari essas duas articulações correspondem à grade estabelecida pelo linguista Louis T. Hjelmslev: "A articulação, constitutiva de um estrato, é sempre uma dupla articulação (dupla-pinça). (...) (...) os estratos respondem à grade de Hjelmslev: articulação de conteúdo e articulação de expressão, o conteúdo e a expressão tendo, cada um por sua conta, forma e substância". Gilles Deleuze e Félix Guattari. *Mille Plateaux* -

corresponder diretamente à clássica repartição forma/matéria, o hilemorfismo no sentido clássico. Mesmo quando são consideradas duas dinâmicas bem distintas como a de fluxos ou partículas instáveis com a de estruturas bem estáveis, encontramos tanto forma quanto matéria em ambas. Para compreender essa consideração, Gilles Deleuze e Félix Guattari nos apresentam o exemplo do estrato geológico. Aqui, em vez de utilizar o termo matéria¹², os autores utilizam a palavra substância:

A primeira articulação escolheria ou colheria sobre os fluxos-partículas instáveis, unidades moleculares ou quase moleculares metaestáveis (substâncias) às quais imporia uma ordem estatística de ligações e sucessões (formas). A segunda articulação operaria com estruturas estáveis, compactas e funcionais (formas) e constituiria os compostos molares onde essas estruturas se atualizam ao mesmo tempo (substâncias). Assim, em um estrato geológico, a primeira articulação, é a "sedimentação", que empilha unidades de sedimentos cíclicos segundo uma ordem estatística: o flysch, com sua sucessão de arenito e xisto. A segunda articulação é o "dobramento", que coloca uma estrutura funcional estável e assegura a passagem dos sedimentos às rochas sedimentares. (DELEUZE; GUATTARI, 1980, p. 55).

Neste sentido, cada articulação apresenta distintamente em cada caso formas e substâncias que lhes são próprias. Faz-se necessário deixar claro que a correspondência entre a primeira articulação com o molecular e a segunda com o molar é algo que faz parte desse caso especificamente. O acordo entre as duas articulações com o par molecular/molar não é suficiente para o nível de precisão conceitual que se quer alcançar com a análise dos estratos. É o que advertem os filósofos: "(...) não era certo que as duas articulações se distribuíssem sempre segundo a distinção entre molecular e molar".(DELEUZE; GUATTARI, 1980, p. 55). O importante é perceber que esta distribuição não é constante. Bem diferente da estratificação geológica descrita acima é o caso da estratificação das proteínas na química celular. Neste segundo caso, tudo ocorre no interior apenas do molecular a partir de dois tipos de moléculas diferentes. Contudo, sempre haverá uma dupla articulação, coincidindo ou não com o par molecular/molar, tendo cada uma suas formas e suas substâncias.

Capitalisme et schizophrénie 2. Paris: Les Éditions de Minuit, 1980, p. 627 e 628.

¹² Sobre o termo matéria, Gilles Deleuze e Félix Guattari o utilizam para elementos desestratificados: "Chamava-se *matéria* o plano de consistência ou o Corpo sem Órgãos, quer dizer, o corpo não-formado, não-organizado, não-estratificado ou desestratificado, e tudo o que escorria sobre tal corpo, partículas submoleculares e subatômicas, intensidades puras, singularidades livres pré-físicas e pré-vitais." Gilles Deleuze e Félix Guattari. *Mille Plateaux - Capitalisme et schizophrénie 2*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1980, p. 57 e 58.

Estratificação: a dupla articulação

De todo modo, por conta desta inconstância e complexidade das articulações, Deleuze e Guattari preferem trabalhar a dupla articulação da estratificação a partir da grade conceitual proposta pelo linguista Louis T. Hjelmslev. A estratificação pensada a partir da grade Hjelmsleviana possui a vantagem de romper explicitamente com a simples correspondência ao par forma/substância, como já apontamos. Tal rompimento ocorre porque agora temos dois pólos, um de conteúdo e outro de expressão, contendo cada um sua forma e sua substância (substância e forma de conteúdo - forma e substância de expressão). É importante acompanhar o modo como Deleuze e Guattari definem sumariamente esses pólos:

Chamava-se conteúdo as matérias formadas que deviam, por conseguinte, ser consideradas sob dois pontos de vista: do ponto de vista da substância, enquanto tais matérias eram "escolhidas", e do ponto de vista da forma, enquanto eram escolhidas numa certa ordem (substância e forma de conteúdo). Chamá-íamos expressão as estruturas funcionais que deviam, elas próprias, ser consideradas sob dois pontos de vista: o da organização de sua própria forma, e o da substância, à medida que formavam compostos (forma e substância de expressão). (DELEUZE; GUATTARI, 1980, p.58)

Este é um exemplo sumário porque explicado assim ainda não fica claro em que medida este esquema não pode ser fixo, ou seja, tanto a substância e a forma de conteúdo quanto a forma e o conteúdo de expressão são relativos e variados. Como mostram os autores: "Num estrato há duplas-pinças por toda parte, *double binds*, lagostas por toda parte, em todas as direções, uma multiplicidade de articulações duplas que ora atravessam a expressão, ora o conteúdo". (DELEUZE; GUATTARI, 1980, p. 60). As articulações não só variam de um estrato a outro, como também não param de se multiplicar e se dividir no interior de um mesmo estrato. De todo modo, fica cada vez mais claro que estamos diante de um prodigioso relativismo generalizado.

Essas quatro noções que Hjelmslev denomina de *stratas* (1978, p. 159) se distribuem e se relacionam de um modo muito específico com distinções bem diferentes. Entre forma e substância a relação é invariavelmente de dependência, como apresenta Hjelmslev: "(...) temos então de nos dar conta de que a substância depende exclusivamente da forma e que não se pode, em sentido algum, atribuir-lhe uma existência independente". (HJELMSLEV, 1975, p. 55). Já entre conteúdo e expressão, Hjelmslev estabelecia uma relação de solidariedade

entre ambos, indicando que há uma certa independência. Esta solidariedade é a própria função semiótica segundo Hjelmslev: "A função semiótica é, em si mesma, uma solidariedade: expressão e conteúdo são solidários e um pressupõe necessariamente o outro". (HJELMSLEV, 1975, p. 54). Gilles Deleuze e Félix Guattari explicam esta relação de solidariedade ou de pressuposição de um modo bem original. Para eles, enquanto entre forma e substância eu tenho uma distinção apenas modal ou mental, pois uma se estabelece em uma relação de dependência em relação a outra. Entre conteúdo e expressão, diferentemente, eu tenho uma distinção que pode ser entendida como real, formal ou essencial de acordo com o caso. Esta variação de tipos compõe o estatuto do correto entendimento desta solidária pressuposição recíproca. Temos a configuração de tipo formal, quando a dupla articulação corresponde com o par molar/molecular, como ocorre no já citado estrato geológico. Já a distinção real ocorre quando essa correspondência não ocorre, ou seja, a articulação acontece somente na ordem molecular, como acontece no exemplo também já citado da química molecular. Comentam Deleuze e Guattari: "entre duas classes de moléculas, ácidos nucleicos de expressão e proteínas de conteúdo, entre elementos nucleicos ou nucleotídeos e elementos protéicos ou aminoácidos". (DELEUZE; GUATTARI, 1980, p. 77). Por último, a distinção chega a um nível essencial, quando acontece entre categorias totalmente irreduzíveis, como a que ocorre entre coisas e palavras no estrato humano. Já podemos perceber a medida exata do relativismo generalizado utilizado por nossos autores na natureza da dupla articulação e de sua relação de pressuposição. Qual seria então o estatuto dessa reciprocidade? Pelo que já podemos notar, esta pressuposição recíproca entre as articulações não quer dizer de modo algum que entre elas há uma simples relação de arbitrariedade, necessidade, de correspondência termo a termo, de globalidade ou de ambivalência.

Para responder a esta indagação, um último ponto sobre a dupla articulação deve ser esclarecido: se Gilles Deleuze e Félix Guattari recorrem aos *strata* do linguista Hjelmslev, isso poderia significar que estamos diante de uma preponderância do linguístico sobre outros domínios? Em que medida é possível falar de um plano expressivo já presente até mesmo em estratos inorgânicos? Será que é necessário expandir e sobrepor a todos os demais estratos um "imperialismo da linguagem"? Para os autores, a grade de Hjelmslev foi bastante negligenciada devido à tendência equivocada de submetê-la ao par linguístico significante/significado. Então, faz-se necessário averiguar com mais rigor porque este par linguístico não consegue dar conta da dupla articulação entre conteúdo e expressão. A chave da questão é que as duas articulações tal como trabalhadas por Hjelmslev em solidariedade e se pressupondo mutuamente são totalmente rebeldes à qualquer determinação unilateral ou de

conformidade entre estes pólos. Neste sentido, seria uma redução aplicarmos diretamente o conteúdo ao significado e a expressão ao significante¹³. Expressão e conteúdo rompem com a postura semiológica de reduzir todos os tipos de fenômenos a determinados processos que seriam unicamente linguísticos. Aliás, se isso não ficar claro, esta ponderação de Hjelmslev ficaria totalmente sem sentido:

Os próprios termos *plano da expressão* e *plano do conteúdo* e, de modo mais geral, *expressão* e *conteúdo*, foram escolhidos conforme o uso corrente e são inteiramente arbitrários. Através de sua definição funcional é impossível sustentar que seja legítimo chamar uma dessas grandezas de *expressão* e outra de *conteúdo*, e não o contrário. Elas só se definem como solidárias uma em relação à outra, e nem uma nem outra podem ser definidas de modo mais exato.¹⁴ (HJELMSLEV, 1975, p. 54).

Sem este modo original de entender a solidariedade somos necessariamente levados a estabelecer uma relação de subordinação, submissão ou de determinação entre os elementos que correspondem à função expressiva e aos da função de conteúdo. Eles são ao mesmo tempo inseparáveis entre si e independentes de qualquer determinação externa, o que de um modo geral garante sua autonomia e suficiência. (DELEUZE; GUATTARI, 1980, p. 140). Assim, essa relação de solidariedade não pode excluir a independência e a possibilidade dos tipos de distinção que, como já apontamos, podem ser de tipo formal, real ou essencial.¹⁵

De todo modo, fica cada vez mais claro, como e em que medida não pode haver nessas dinâmicas entre os strata um modelo geral e nem mesmo uma estrutura de base que seja fixa: "A palavra estrutura podia designar, em geral, o conjunto dessas relações, mas seria

13 Para Gilles Deleuze e Félix Guattari: "A relação linguística significante-significado foi, sem dúvida, concebida de maneiras muito diversas: ora como arbitrária, ora como necessária, da mesma forma que o verso e o anverso de uma mesma folha, ora como correspondente termo a termo, ora globalmente, ora como sendo tão ambivalente que não se pode mais distingui-los. De qualquer modo, o significante não existe fora de sua relação com o significado, e o significado último é a própria existência do significante que extrapolamos para além do signo. (...). Donde seu incrível despotismo e o sucesso que alcançou. O arbitrário, o necessário, o correspondente termo-a-termo ou global, o ambivalente, servem a uma mesma causa que comporta a redução do conteúdo ao significado e a redução da expressão ao significante". Gilles Deleuze e Félix Guattari. *Mille Plateaux - Capitalisme et schizophrénie 2*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1980, p. 85.

14 Em uma outra obra, Hjelmslev atribui uma certa ambiguidade à terminologia de Saussure: "Os termos introduzidos por F. de Saussure, e as interpretações dadas no *Cours*, foram abandonadas porque se prestam a equívocos, e convém não cometer novamente esses erros". Louis T. Hjelmslev. *A Estratificação da Linguagem*. In: Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978, p. 173.

15 Estes três tipos de distinções marcam diferentes processos nos estratos - inorgânico, orgânico e antropomórfico: "Podemos sumariamente distinguir três grandes tipos de distinção real: a real-formal para as ordens de grandeza onde se instaura uma ressonância de expressão (indução); a real-real para sujeitos diferentes onde se instaura uma linearidade de expressão (transdução); a real-essencial para atributos ou categorias diferentes onde se instaura uma sobrelinearidade de expressão (tradução)." Gilles Deleuze e Félix Guattari. *Mille Plateaux - Capitalisme et schizophrénie 2*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1980, p. 92 e 93.

ilusão acreditar que a estrutura fosse a última palavra da terra". (DELEUZE; GUATTARI, 1980, p. 55). Em uma estratoanálise, é de extrema relevância ficar atento às singularidades próprias dos diferentes estratos. Cada estrato, segundo Deleuze e Guattari, apresenta uma estratificação inteiramente diferente sem que isso exclua a solidariedade ou a pressuposição recíproca entre os pólos. E esta relação solidária - biunívoca - é o que impede, por exemplo, que o significante surja como uma espécie de transcendente, operando uma redução de processos que são necessariamente extralinguísticos a elementos que pertencem unicamente a um sistema linguístico. Tal redução implica no inconveniente de não se perceber fenômenos que são intrínsecos e singulares a um determinado estrato. Extrapolar o significante linguístico para extratos não antropomórficos implicaria tomar a parte pelo todo impedindo a percepção de singularidades que são imanentes e diferentes nos estratos. Qualquer relação metonímica ou mesmo metafórica implicaria falência dessa proposta analítica. Assim, Deleuze e Guattari irão propor um "método severamente restritivo". (DELEUZE; GUATTARI, 1980, p. 87). Tal método se diferencia totalmente de uma certa expansividade do significante em invadir todos os tipos de signos e dos signos migrarem para estratos não antropomórficos, o que geraria uma espécie de "projeto de axiomatização radical da língua", tal como explorado por Félix Guattari na obra *O inconsciente maquínico: ensaios de esquizo-análise*. (1988, p. 20). Ser restritivo metodologicamente, aqui, quer dizer que o significante apenas marca um tipo de regime de signo no meio de tantos outros¹⁶. Assim, só será possível falar de um plano de expressão em todos os estratos, na medida em que este não se confunda com um plano de significância. É somente neste sentido que podemos sempre falar de um plano de expressão presente em todos os estratos:

Chamamos expressão as estruturas funcionais que deviam, elas próprias, ser consideradas sob dois pontos de vista: o da organização da sua própria forma, e o da substância, à medida que formavam compostos (forma e substância de expressão). Num estrato havia sempre uma dimensão do expressável ou da expressão como condição de invariância relativa: por exemplo, as sequências nucleicas eram inseparáveis de uma expressão relativamente invariante pela qual determinavam os compostos, órgãos e funções do organismo. Expressar é sempre cantar a glória de

¹⁶ À questão dos múltiplos regimes signos será dedicado um platô específico 587 a.C. - 70 d.C. - *Sobre alguns regimes de signos*: "Denominamos regime de signos qualquer formalização de expressão específica, pelo menos quando a expressão for linguística. Um regime de signos constitui uma semiótica. Mas parece difícil considerar as semióticas nelas mesmas: na verdade, há sempre uma forma de conteúdo, simultaneamente inseparável e independente da forma de expressão, e as duas formas remetem a agenciamentos que não são propriamente linguísticos. Entretanto, podemos considerar a formalização de expressão como autônoma e suficiente". Gilles Deleuze e Félix Guattari. *Mille Plateaux - Capitalisme et schizophrénie* 2. Paris: Les Éditions de Minuit, 1980, p. 140.

Deus. Sendo cada estrato um juízo de Deus, não são apenas as plantas e os animais, as orquídeas e as vespas que cantam ou se exprimem, são também os rochedos e até os rios, todas as coisas estratificadas da terra. (DELEUZE; GUATTARI, 1980, p. 58).

Fica claro como não há qualquer apelo ao significante, porém, faz-se necessário deixar as questões mais concretas. A constatação de um plano de conteúdo e um plano de expressão não era a última palavra da estratoanálise em termos de precisão, pois é preciso deixar ainda mais claro que os estratos não são entidades monolíticas ou de uma continuidade homogênea, pois são indissociáveis de epistratos e paraestratos que são responsáveis por quebrá-los, cortá-los ou fragmentá-los. Neste sentido, não falamos somente em vários tipos de estratificações, mas, como aponta Gilbert Simondon em seu *A individuação à luz das noções de forma e de informação*, todo e qualquer estrato já é múltiplo. (SIMONDON, 2020, p. 129).

Os epistratos e seus movimentos (o interior e o exterior) e os paraestratos e seus processos (os meios associados)

Para que uma estratoanálise seja concreta, jamais se deve tratar um estrato isolando-o, pois não lhe faltam camadas intermediárias. Deleuze e Guattari se utilizam do termo epistrato para dar conta desses estratos. Os epistratos, então, é o que está entre aquilo que demarca o exterior ou o interior em uma camada. De todo modo, eles acabam dividindo um estrato a partir de outras camadas que também apresentam articulações próprias. "Com efeito, eram intermediários entre o meio exterior e o elemento interior, entre os elementos substanciais e seus compostos, entre os compostos e as substâncias e também entre as diferentes substâncias formadas (substâncias de conteúdo e substâncias de expressão)" (DELEUZE; GUATTARI, 1980, p. 66). Em relação à unidade de composição de um estrato, os epistratos são responsáveis por quebrar-lhe toda continuidade homogênea. Essa quebra promovida pelos epistratos é o que garante que haja sempre relatividade entre aquilo que é interior e exterior em um estrato. Mesmo que falemos em uma centralidade, ela será sempre relativa, pois esta quebra permite formar uma nova centralidade para novas periferias, causando uma espécie de graduação. São graus de desenvolvimento, taxas ou relações diferenciais superpostas que não param de dar testemunho das relações entre um meio exterior e um meio interior. É o que fica claro no estrato cristalino e no orgânico.

(...) o estrato cristalino comporta muitos intermediários possíveis entre o meio ou o material exteriores e o germe interior: multiplicidade dos estados de metaestabilidade perfeitamente descontínuos como outros tantos graus hierárquicos. O estrato orgânico é igualmente inseparável de meios ditos interiores que são, de fato, elementos interiores com relação a materiais exteriores, mas também elementos exteriores com relação a substâncias interiores. (DELEUZE; GUATTARI, 1980, pp. 66-67).

Essas interações constantes, esses limiares criados entre o interior e o exterior vão no sentido do que Gilles Deleuze e Félix Guattari chamam de desterritorialização. Os epistratos não podem ser compreendidos sem que se leve em conta movimentos de desterritorialização. É por isso que: "Da camada central à periferia, depois do novo centro à nova periferia, passam ondas nômades ou fluxos de desterritorialização que recaem no antigo centro ou se precipitam em um novo. Os epistratos se organizam no sentido de uma desterritorialização cada vez maior". (DELEUZE; GUATTARI, 1980, p. 70). A desterritorialização envolve todo tipo de limiares e fenômenos de ressonâncias que determinam os graus de permeabilidade em relação a uma realidade exterior. "Da camada central à periferia, depois do novo centro à nova periferia, passam ondas nômades ou fluxos de desterritorialização que recaem no antigo centro e se precipitam para o novo". (DELEUZE; GUATTARI, 1980, p. 70). As substâncias e as partículas de um determinado estrato passam por limiares de desterritorialização que dizem respeito a investimentos de toda ordem: aumento ou diminuição de instabilidade, de transitoriedade, de localização, valências ou densidades. Para compreender esta dinâmica do epistrato, faz-se necessário repensar e superar as clássicas dicotomias como as de meio/organismo ou interior/ exterior. É o tipo de operação conceitual que encontramos Gilbert Simondon quando apresenta o exemplo do cristal: "(...); o limite do cristal está virtualmente em cada ponto, e ele pode, realmente, aparecer em cada qual por uma clivagem. As palavras interioridade e exterioridade não podem, com seu sentido habitual, ser aplicadas a essa realidade que é o cristal". (SIMONDON, 2020, p. 130). Simondon encontra esta mesma superação, claro que de um modo distinto do caso cristalino, quando estuda o organismo vivo¹⁷: "(...); é preciso partir da função de base, apoiada sobre a estrutura

17 Segundo Simondon: "A diferença entre o vivo e o cristal inerte consiste nesse fato de que o espaço interior do cristal inerte não serve para sustentar o prolongamento da individuação que se efetua nos limites do cristal em decurso de crescimento: a interioridade e a exterioridade só existem de camada molecular a camada molecular; de camada molecular já depositada a camada que se está depositando; poder-se-ia esvaziar um cristal de uma parte importante de sua substância sem parar o crescimento; o interior não é homeostático em seu conjunto relativamente ao exterior ou, mais exatamente, relativamente ao limite de polaridade; para que o cristal se individue, é preciso que ele continue a se crescer; essa individuação é peculiar; o passado de nada serve em

topológica primeira da interioridade e da exterioridade, e depois ver como essa função é mediatizada por uma cadeia de interioridades e de exterioridades intermediárias". (SIMONDON, 2020, p. 339). De qualquer modo, há sempre estratégias distintas em função do tipo de estrato, mas sempre haverá epistratos capazes de pôr em relação o meio interior e o meio exterior, operando um movimento de desterritorialização nas substâncias de um estrato.

E mais ainda, um estrato também pode se fragmentar lateralmente, ou seja, de modo horizontal, quando encontra um meio associado. Quando consideramos a relação entre as formas irredutíveis e os meios associados, estamos em um paraestrato. O que está em jogo aqui são tipos formais completamente diferentes. Os paraestratos estão sempre ligados a populações, matilhas e multiplicidades. Eles dizem respeito aos próprios códigos de um determinado estrato. Aqui, temos sempre uma transferência de códigos entre espécies, populações e grupos diferentes. São populações implicando códigos que são indissociáveis de fenômenos de descodificação. Uma determinada forma se liga a processos em estado de codificação ou de descodificação. As formas de um determinado paraestrato não são imóveis ou paralisados, elas são encadeadas segundo fenômenos relativos de descodificação tornando-se úteis. Enquanto nos epistratos estamos diante de processos de desterritorialização de substâncias, em um paraestrato temos descodificações no plano das formas. Os fenômenos de mutações genéticas é um exemplo célebre de nossos autores:

A teoria moderna das mutações mostrou muito bem como um código, forçosamente de população, comporta uma margem essencial de descodificação: todo código possui suplementos capazes de variar livremente; mas não é só isso, um mesmo segmento pode ser copiado duas vezes, o segundo se tornando livre para a variação. Acontecem também transferências de fragmentos de código entre células oriundas de espécies diferentes, Homem e Rato, Macaco e Gato, por intermédio de vírus ou outros procedimentos; nesses casos não ocorre tradução de um código para outro (os vírus não são tradutores), mas, sim, fenômeno singular que nós chamamos mais-valia de código, comunicação ao-lado (DELEUZE; GUATTARI, 1980, pp. 69-70).

Fica claro neste exemplo, como um código de uma determinada forma é indissociável de uma margem variável de descodificação. Porém, todo esse dinamismo não para por aqui, pois a descodificação e a desterritorialização, como foram apresentadas até aqui, ainda não

sua massa; é só um papel bruto de sustentação o que ele desempenha, (...): o tempo sucessivo não está condensado." Gilbert Simondon. *A individuação à luz das noções de forma e de informação*. São Paulo: Editora 34, p. 340.

nos deixa claro o nível absoluto das interações entre domínios heterogêneos em uma mesma mecosfera.

O planomero ou metaestrato

Toda dinâmica de estratificação, como vimos, consiste em absorver, formar materiais, aprisionar intensidades, fixar singularidades, o que é totalmente distinta de outros tipos de dinâmicas que envolvem a Terra propriamente dita. O pensamento da Terra para Gilles Deleuze e Félix Guattari ou "Quem a Terra pensa que é?", envolve também dinâmicas de desestratificação que permitem o atravessamento de materiais não formados, de intensidades livres e de singularidades nômades. Tais materiais, intensidades e singularidades ainda não determinadas dizem respeito ao plano de consistência. Neste sentido, o plano de consistência diz respeito a uma matéria não-formada, não-organizada, não-estratifica, elementos sub moleculares, em certo sentido, podemos dizer que são pré-físicas e pré-vitais. Neste ponto, Challenger sofria uma absoluta e bizarra transformação, sua forma já não estava como antes, aliás era difícil até identificar sua forma. Ele alcançava um "mundo misterioso", um "jardim venenoso", bem longe de tudo aquilo que reconheceríamos como lugares humanamente habitáveis.

A interação entre o plano dos estratos e o plano de consistência não é simples, pois não é uma questão de aumento de velocidade, podemos encontrar lentidão ou rapidez tanto em um quanto em outro, nem podemos dizer que um está além do outro. A estratificação e o plano de consistência, ou seja, esses dois processos, ao mesmo tempo distintos e irreduzíveis, não são separados e se encontram em uma espécie de constante interação em um determinado agenciamento real. O agenciamento é a ligação entre os elementos mais concretos e os abstratos. "Os agenciamentos maquínicos estavam, simultaneamente, no cruzamento dos conteúdos e das expressões sobre cada estrato, e no conjunto dos estratos com o plano de consistência" (DELEUZE; GUATTARI, 1980, p. 93). Então, é ele quem vai dar conta da complexidade da relação entre elementos que são interiores a um estrato (interessestrato) como também da relação entre o estrato e aquilo que não pertence a ele. (metaestrato). É por isso que para Gilles Deleuze "a unidade real mínima, não é a palavra, nem a ideia ou o conceito, nem o significante, mas o agenciamento" (DELEUZE, 1977, p. 65). Somente a partir dos agenciamentos é possível compreender a organização da unidade de composição envolvida em um determinado estrato, isto é, para que as trocas e interações entre um estrato e outros, entre estratos e o plano de consistência, sejam organizadas e mantenham suas dinâmicas.

Porém, não vem ao caso neste artigo aprofundar este importantíssimo conceito. Nossa única intenção foi apresentar as dinâmicas da estratificação, que como vimos é inseparável de uma desestratificação.

Considerações Finais

Challenger e nós passamos por várias matizes e por diferenciados ritmos na tentativa de dar conta da estratoanálise e do conceito de estrato. Deve-se levar a sério o que diz Gilles Deleuze quando entrevistado sobre a obra *Mil Platôs*:

Ocorre que os conceitos têm vários aspectos possíveis. Por muito tempo eles foram usados para determinar o que uma coisa é (essência). Nós, ao contrário, nos interessamos pelas circunstâncias de uma coisa: em que casos, onde e quando, como, etc? Para nós, o conceito deve dizer o acontecimento, e não mais a essência. Daí a possibilidade de introduzir procedimentos romanescos muito simples em filosofia. (DELEUZE, 1992, p. 37).

Neste sentido, a estratoanálise deve estar preparada para dizer do acontecer de algo seus devires e suas dinâmicas, nunca o estabilizar ou fixá-lo em uma essência com pretensões de eternidade. O conceito de estrato deve dar conta dessas circunstâncias em que ocorrem as estratificações e, com certeza, o platô *10.000 a.C - A Geologia da moral (Quem a terra pensa que é?)* é bem exemplar. Assim, deve-se compreender as dinâmicas presentes em uma estratificação sem ignorar os movimentos de desestratificação que lhe é correspondente.

Fica claro, a partir do que foi estudado até aqui, como Deleuze e Guattari apresentam a sua estratificação geral e a dinâmica que envolve os estratos em sua complexidade e realidade. Dinâmica tão intensa que mesmo se adensando, ganhando espessura e concentração em uma unidade de composição, não pode estar totalmente isolada dos movimentos de desestratificação que permitem inusitadas e imprevisíveis conexões. Acompanhamos o professor Challenger em sua aventura rumo à compreensão correta do corpo da Terra com seus múltiplos estratos. Com sua estratoanálise, passamos por fenômenos que exigem uma complexa e rigorosa rede conceitual: no infraestrato com os epistratos e os paraestratos; e de sua relação com movimentos que pertencem ao metaestrato. Foi importante notar que cada estrato possuía uma dupla articulação (expressão e conteúdo) que eram solidárias entre si e que cada uma delas se dividia em forma e substância. Esta solidariedade entre expressão e conteúdo não implica uma identidade, mas distinções formais, reais e essenciais dependendo do tipo de estrato: inorgânico, orgânico ou antropomórfico. Aqui, o

principal foi retirar todo imperialismo da linguagem, pois expressão e conteúdo são rebeldes ao par significante/significado.

Outro ponto importante diz respeito à impossibilidade de isolar o estrato de camadas intermediárias e de meios associáveis. Ambas, possuem a função de quebrar a continuidade homogênea, tanto a partir da relação interior/exterior, quanto lateralmente no que diz respeito aos meios associados. As primeiras dizem respeito aos epístratos e promovem uma desterritorialização relativa às substâncias. As segundas, são os paraestratos, que liberam todo tipo de fenômenos de descodificação no plano formal.

Assim, fica clara a complexidade do agenciamento que, ao mesmo tempo, envolve e amarra a estratificação que forma, aprisiona e fixa e os movimentos desterritorializados e descodificados. O pensamento da Terra, ou "Quem a Terra pensa que é?", diz respeito a esses dois processos presentes no agenciamento, um plano concreto dos estratos bem densos e um outro que permite o atravessamento de materiais não formados, de intensidades livres e de singularidades nômades (plano de consistência). O professor Challenger em sua bizarra conferência sofre no corpo tudo aquilo que diz, um estranho ensinamento. Enquanto tratava dos estratos, ele estava lá bem formado e com uma fala humana, mas quando começou a apresentar as instabilidades indissociáveis, começou a ser atravessado por devires e intensidades livres: "Sussurrou ainda: é por debandada que as coisas progridem, e que os signos proliferam." (DELEUZE; GUATTARI, 1980, p. 93).

Referências Bibliográficas

CHÂTELET, François. *História da Filosofia - Ideias, Doutrinas*. O século XX (Volume 8). Tradução: Hilton F. Japiassú. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

COSSUTTA, Frédéric (direção). *Le Dialogue: introduction à un genre philosophique*. Paris: Presses Universitaires du Septentrion, 2004.

DANOWSKI, Déborah; CASTRO, Eduardo Viveiros de. *Há mundo por vir? Ensaio sobre os menos e os fins*. Desterro (Florianópolis): Cultura e Barbárie: Instituto Socioambiental, 2017.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mille Plateaux: capitalisme et schizophrénie 2*. Les Éditions de Minuit, 1980.

_____. *O que é a filosofia?* Tradução: Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muños. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles. *Dialogues*. Paris: Flammarion, 1977.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Tradução: Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DOYLE, A. Conan. *Quando o mundo gritou*. Tradução: Alexandre Barbosa de Souza. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

GUATTARI, Félix. *O inconsciente maquínico: ensaios de esquizo-análise*. Tradução: Constança Marcondes César e Lucy Moreira César. Campinas: Papirus, 1988.

HJELMSLEV, Louis T. *A Estratificação da Linguagem*. In: *Os Pensadores*. Tradução: José Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

_____. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. Tradução: José Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Editora perspectiva, 1975.

SIMONDON, Gilbert. *A individuação à luz das noções de forma e de informação*. Tradução: Luís Eduardo Ponciano Aragon e Guilherme Ivo. São Paulo: Editora 34, 2020.

TOYNBEE, Arnold. *A humanidade e a mãe-terra - uma história narrativa do mundo*. Tradução: Helena Maria Camacho Martins Pereira e Alzira Soares da Rocha. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.